

TRADIÇÕES HISTORIOGRÁFICAS NO MARANHÃO¹.

Ms. José Henrique de Paula Borralho (UEMA)

Professor do Departamento de História e Geografia da UEMA. Curso de História. Mestre em História Social pela UNESP-ASSIS-SP.

A historiografia, como a história, parece se repetir – com variações”.
BURKE, Peter. (*A Escrita da História: Novas Perspectivas*)

HISTORIOGRAPHIC TRADITIONS IN MARANHÃO.

As History, Historiography seems to repeat itself - with variations.
BURKE, Peter. (*New Perspectives on Historical Writing*)

Resumo: Análise da historiografia enquanto elemento fomentador de tradições historicizantes que se colocam como intérpretes de uma dada realidade social, no caso, a maranhense. Mostra a partir de alguns exemplos citados sucintamente, como determinados autores ao longo da história do Maranhão se tornaram “clássicos”, portanto, indispensáveis como ponto de inflexão para compreensão de um determinado período ou temática em História. Discute o caráter narrativo da historiografia, suas problemáticas e derivações e, aponta os novos rumos da pesquisa histórica maranhense.

Palavras-chave: Tradição. Historiografia. Narrativa Histórica. História do Maranhão.

Abstract: It analyses Historiography as a fomenting element of traditions that present themselves as interpreters of the social reality of Maranhão. It shows from a few examples, how some authors have become ‘classics’ throughout Maranhão History, therefore, indispensable as a point of inflection to comprehend a determined period of time or thematic in History. It discusses the narrative character of historiography, its difficulties and derivations. It points out new routes of Historical research in Maranhão.

Key Words: Tradition, Historiography, Historical Narrative, History of Maranhão.

Os historiadores Eric HOBBSBORN e Terence RANGER em *As invenções das tradições* (1997) se debruçaram sobre a capacidade da história de encetar valores que, de tão repetidos, passam a ser encarados como irretorquíveis, irreparáveis, fundando de fato tradições, olhares, que qualquer possibilidade de contraposição, pareça inverossímil. Vejamos o que dizem os autores:

¹ Conferência Ministrada durante a Reunião Regional da SBPC: uma reunião dedicada aos professores dos ensinos médio e fundamental, durante o período de 23 a 26 de março de 2004, cujo o tema foi: Educação, Cultura, Ciência para a Cidadania, na UEMA. Data da conferência: 26 de março de 2004, com o título de “Usos e Abusos das invenções e tradições no Maranhão”.

Por invenção das tradições, entende-se como um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, ou que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence, 1997. p. 9)

Já o historiador Stephen BANN (1994) em *As invenções da história* afirma que não se sente absolutamente feliz com a idéia de que a história desmitifica as tradições, como preconizaram os referidos historiadores supracitados, uma vez que esta só veio a existir quando houve a possibilidade de escrevê-la. Neste aspecto, a própria história passa a ser uma tradição, uma vez que se torna legítima, autorizada, regulada, instituída e portanto, balizada socialmente. O que BANN quis afirmar é que a História enquanto disciplina, e, sucessão de fatos, real vivido, passividade, pode desmitificar ou ratificar e até mesmo fundar versões, opiniões sobre algo. Usamos a noção de fundação em história tal como expôs (CHAUI, 2000, p. 9) se referindo “a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a fundação visa a algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido.”

As tradições inventadas estabelecem uma relação artificial com o passado. Esse processo se estabelece através da formalização e ritualização (imposição e repetição), elementos que usados continuamente, se colocam no lugar da própria dimensão dos fatos, se confundidos com estes, assumindo o seu lugar e muitas vezes, sendo a única interpretação possível da história do ponto de vista do imaginário social. “A história é impossível e inconcebível fora da imaginação produtora ou criadora, do que nos chamamos o imaginário, ela se manifesta no fazer histórico.” (CASTORIADIS, 1982, p. 176).

A história se estabelece enquanto rede sógnica com uma linguagem dentro de um mundo social cada vez mais constituído e articulado em função de sistemas de significações. Dentre estes sistemas encontra-se a historiografia, e por conseguinte, a historiografia maranhense. Mas, qual o papel da historiografia maranhense nesse ou nesses processos de significações? Por Historiografia, entendemos bem mais que a arrolação de fatos, nomes e obras de um certo período ou de um certo contexto histórico. Quando arrola-se, agrupa-se autores distintos de uma mesma época e de outras, quando reuni-se temáticas sobre um mesmo episódio, tem-se a possibilidade de comparação, análise, crivagem da produção histórica naquele contexto. Mas a historiografia precisa ser compreendida como metaliguagem, quer dizer, não só trilhar o percurso do historiador, como trilhou, como

também as artimanhas que utilizou, estratégias discursivas e argumentativas, enredos arquetípicos, tropos da linguagem, concepções teóricas e filosóficas, entre outras. BANN (1994, p. 81) citando Roland Barthes assegura que: “a historiografia evidente não é apenas uma questão de “coleções de termos” combinados: é uma questão de argumento”.

A Historiografia maranhense tem erigido há algum tempo clássicos que passaram a ser leitura oficial e obrigatória enquanto interpretação oficial da história do Maranhão. Enquanto “clássico” tomamos empréstimo à Ítalo Calvino sobre a questão, quando explana que: “os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. (CALVINO, 1993. p. 11).

Em dissertação de mestrado intitulada *Terra e Céu de nostalgia: tradição e identidade em São Luís do Maranhão* (2000) escrevi sobre alguns clássicos da historiografia maranhense, bem como sobre as tradições e invenções no Maranhão e o papel que estas exerceram e ainda exercem nos mais diversos círculos sociais. Analisando o papel da historiografia maranhense desde o século XIX, enquanto referência autorizada para a interpretação da História do Maranhão, passeando por Gaioso, Francisco de Paula Ribeiro, Garcia de Abranches, Francisco de Assis Leal, Bandeira Tribuzzi, e uma produção mais recente; Regina Faria, Alfredo Wagner, Rossini Corrêa, Wagner Cabral, entre outros, tentei pensar o percurso, as determinações e o caráter de interpretação da história do Maranhão. Não se trata de hierarquizar autores, constituir novos ícones ou erigir “antologia historiográfica”, mas perceber o nível de debate da formação do pensamento historicizante, o viés teórico, a teia discursiva que perpassa toda a história regional, do qual me sinto imerso. Este debate é frutífero à medida que permite avanços em relação àquilo que já foi produzido e conduz nosso olhar para facetas ainda não exploradas.

Vejamos uma longa citação que utilizei na dissertação para ilustrar o que penso acerca dessa questão (BORRALHO, 2000. p 40-42):

Um autor que tornou pedra de toque das explicações econômicas foi Raimundo José de Sousa Gaioso². Ele fala do estabelecimento da Companhia Geral de Comércio a fim de promover a cultura do algodão que principiou em 1760, assim como também estendeu sua

² GAIOSO R, *Compêndio Histórico-Político dos Princípios da Lavoura do Maranhão*. 1970. p. 226

produção para o arroz. O arroz da Carolina foi introduzido em 1765 pelo administrador da Companhia, o referido capitão José Vieira da Silva. [...]

O algodão e o arroz passaram a ser os dois gêneros de exportação mais importantes na província. Inicia-se então um período de riqueza, de opulência, que teria tirado a província de sua posição tímida, de pobreza, sendo lançada na condição de grande exportadora da colônia, recebendo grande quantidade de mão-de-obra escrava. A posição do Maranhão, enquanto lugar de destaque na economia colonial, começava a ser esboçada, a história do Maranhão começava a ser “inventada”³. [...]

Percebe-se o entusiasmo com que Gaioso trata o crescimento econômico, do desejo/necessidade de colocar a província no lugar devido; o merecimento de ser opulenta, rica, brilhante, ou que ao menos não permanecesse estagnada, esquecida. No entanto, ele segue citando os empecilhos que poderiam retardar ou impedir a conquista da opulência, os entraves para o desenvolvimento da lavoura. Primeiro, falta de terras por causa dos gentios - entendido por ele como os índios; Segundo, horroroso preço da escravatura; terceiro, preço do algodão; quarto, nova forma da cobrança do dízimo. Segundo o autor, o primitivismo da pecuária, a desorganização rural e a persistência da monocultura algodoeira, impediram a integração da economia maranhense à nacionalização. [...]

Garcia de Abranches, concordando com Gaioso, afirma que a mercantilização da economia com a produção algodoeira no mercado externo, se dá em 1760, tido como “princípio da prosperidade” e início da opulência [período do Governador Mello e Póvas, lembremos deste nome]. Esta leitura da “prosperidade” passa a ser chamada de **periodização ortodoxa** por Alfredo Wagner, pois enrijece qualquer possibilidade de leitura diferenciada da economia maranhense no período. Torna-se importante esta questão, pois nisto se insere uma das nascentes do chamado “período de ouro”, em que é atribuído à Cia. Geral de Comércio, o financiamento da compra de escravos, instrumentos agrícolas e primeiras safras (apresentam a relação de gêneros: algodão, arroz, gengibre, cacau). Para estes autores, aqui nasce não só a lavoura, como o comércio da região.⁴ [...]

³ Sobre a questão das Invenções da História, ver: BANN, Stephen. *As invenções da história*. 1994.

⁴ ALMEIDA, A. *A ideologia da decadência*, 1983. p. 50.

A influência dos escritores do séc. XIX sobre os marcos cronológicos da economia local interferiu na produção intelectual do séc. XX em demasia...

Entre alguns autores que se tornaram “clássicos” na historiografia maranhense poderíamos destacar, à guisa de exemplificação, relatando sucintamente autores, período e obras, intérpretes da história do Maranhão, mencionamos:

SIMÃO ESTÁCIO DA SILVEIRA

Foi juiz da primeira Câmara de São Luís, procurador da conquista do Maranhão.

OBRA ANALISADA: *Relação Sumária das Cousas do Maranhão*. Séc. XVII – (1619), publicada em 1624 em Lisboa.

Propõem a exploração de prata do Peru passando pelo Maranhão. Obra laudatória, entusiástica e propagandística das cousas do Maranhão.

Intenção: atrair colonos portugueses para o povoamento da região.

*“Eu me resolvo que está é a melhor terra do mundo, donde os naturais são muito fortes e vivem muitos anos, e consta-nos que, do que correram os portugueses, o melhor é o Brasil, e o Maranhão é o Brasil **melhor e mais perto de Portugal.**”*

FRANCISCO DE PAULA RIBEIRO

Militar português do final do século XVIII, pioneiro do sertão maranhense, principalmente o sul, região de Pastos Bons.

OBRA ANALISADA: *Memórias dos Sertões Maranhenses* (séc. XVIII).

Propôs investidas contra nativos Timbira e Canela, foi a ponta de lança da conquista do sul do Maranhão, também responsável pela demarcação do território do Maranhão. Narra acerca da possibilidade de união das duas frentes de colonização: a litorânea e a agro-pastoril, uma das principais obras de geografia física e humana da região, bem como etnografia e antropologia.

RAIMUNDO JOSÉ DE SOUSA GAIOSO

OBRA ANALISADA: *Compêndio Histórico-Político dos princípios da Lavoura no Maranhão*. (Séc. XIX) A obra fala da idade do ouro (algodão e arroz – principio da prosperidade) período de Melo e Póvoas, periodização ortodoxa.

Quem seguiu Gaioso? Francisco de Paula Ribeiro, Francisco Nossa Senhora dos Prazeres, Antonio Bernardino Pereira do Lago, Garcia de Abranches, Manoel Antonio Xavier, Bandeira Tribuzzi, Francisco de Assis Leal, etc.

ANTONIO HENRIQUES LEAL.

Polígrafo, médico, jornalista, pesquisador, membro do IHGB e diretor da Imprensa Nacional, fundador de alguns jornais em São Luís, patrono na AML, cadeira 10.

OBRA ANALISADA: *O Panteon Maranhense*. (séc. XIX)

Possivelmente esta obra seja a instituinte do ideário da Atenas Brasileira.

MÁRIO MEIRELLES

Um dos maiores historiadores maranhenses de todos os tempos.

OBRA ANALISADA: *Panorama da Literatura Maranhense*. (São Luís, Imprensa Nacional. 1955).

Ratifica a noção de Atenas Brasileira, hierarquiza e classifica a importância dos Literatos Maranhenses em 1ª geração, 2ª geração, Novos atenienses.

JOMAR MORAES

Atual Presidente da AML.

OBRA ANALISADA: *Apontamentos da Literatura Maranhense*. (São Luis, Sioge. 1976).

Retoma os mesmos marcos e orientações de Antonio Henriques Leal, obra absolutamente panfletária quanto ao grau de importância da literatura maranhense, e inclui um marco na literatura maranhense ao falar de modernismo e geração de 1945.

ASTOLFO SERRA

OBRA ANALISADA: *Guia histórico e sentimental de São Luís do Maranhão*. (Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira. 1965).

Primeiro Guia turístico de São Luís.

Peculiaridade: O guia havia sido planejado por Josué Montello.

Ao se mencionar alguns “clássicos” não se está propondo uma hierarquização de autores, nem de valorar como “bom ou mal” esta ou aquela obra ou historiográfica, tão pouco “erigir antologias históricas” ou ainda, sugestionar uma nova “tradição”, como mencionamos anteriormente, mas perceber os limites teóricos de um dado momento e enxergar quais novos caminhos pode percorrer-se, quais as possíveis lacunas obliteradas – ainda que Paul Veyne (1998) petarde que a história é sempre lacunar -, afinal: a operação histórica “implica um meio de elaboração que está circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados.” (CERTEAU, 2002, p. 66).

Ao se denotar os limites de uma visão ou de visões historicizantes, podemos, como sugeriram (LE GOFF & NORA, 1995), potencializar as novas perspectivas em história que se apresentam, pela possibilidade que esta tem de apresentar novos problemas, novas abordagens, novos objetos. Ora, se toda pesquisa é articulada a partir de um lugar de produção (sócio-econômico, político e cultural), pensar novas perspectivas em história para o Maranhão é vislumbrar não só a ampliação da noção de documento, de fontes, de objetos de investigação, de novas abordagens, mas também repensar o fazer historiográfico, problematizar sua epistemologia, deslinhar sua forma de operação, que é também sua escrita, sua narração.

A pesquisa e a narrativa históricas partem de uma formalização (um sistema presente). Ambas posteriormente se convertem em “interpretação”, uma experimentação crítica de modelos sociológicos, psicológicos, econômicos. Durante algum tempo os historiadores se equivocaram ao achar que os pressupostos historicizantes haviam se abjugado da filosofia, entretanto, a interpretação histórica depende de um sistema de referência (“filosofia implícita”). A forma de aproximação, apropriação, ou expropriação de um modelo de perspectiva histórica contém em si uma micro-análise filosófica.

Narrativa, qualquer que seja, é intervenção. Ao narrar, dissertar, historiadores estabelecem a cronologia das dissonâncias entre história e relações sociais. Ao desenvolverem a pesquisa a partir de novas elaborações como documentos, fontes, campos

de investigação, historiadores estão intervindo socialmente, posto que interpretando uma dada realidade.

Existe uma bibliografia já bastante desenvolvida acerca da narrativa histórica. Não é nossa intenção neste artigo debruçarmo-nos sobre a questão, mas o alerta quanto ao *métier*, os desavisos em relação a dependência da lingüística - já que a escrita foge às determinações específicas deste ramo do conhecimento -, o exercício semântico e sintagmático; tal como fizeram autores que se analisaram a historiografia e a narrativa, denominando esta última de “urdidura do enredo, tropos da linguagem” (Hayden White); “retrodicção” (Paul Veyne); “intertextualidade” (Dominique La Capra); “efeitos do real” (Roland Barthes); “enredos arquetípicos” (Northrop Fyre); “formas narrativas” (Paul Ricoeur); “narrativa e sentido” (Ciro Flamarion Cardoso) é necessário, sobretudo se tratando de historiografia. WHITE (1994) afirma que na confecção de um registro está transladado a herança cultural de quem escreve, ou seja, a representação em forma de escrita. Se ela é representação, a narrativa não é o ícone, mas remete a tal. Se a narrativa não revive o passado tal qual ela se deu, então a relação enter o passado e o enredo é paradoxal.

Há sim trabalhos do tempo presente e de “ontem” que tem contribuído muito para a fruição dos debates acadêmicos e extra-acadêmicos acerca da História do Maranhão. Apontaríamos obras como Frederico José Corrêa, Alfredo Wagner, Rossini Corrêa, Maria de Lourdes Mônaco Janotti, Maria de Lourdes Lauande Lacroix, Marcos Fábio Belo Matos, as recentes dissertações e teses de Mestrado e doutorado dos professores da UFMA e UEMA, monografias de conclusão de curso de história e áreas afins.

No ano em que se celebraram os 50 anos do Curso de História da Universidade Federal do Maranhão, Professores desta e da Universidade Estadual do Maranhão, Professores de outras instituições de ensino, “engendrados da história do Maranhão em geral”, participaram dessa comemoração com fragmentos, artigos e trabalhos que nos últimos anos tateiam a especificidade do labor historiográfico local a partir de temáticas, perspectivas, metodologias, correntes de pensamento díspares.

Discutir “os novos rumos da história do Maranhão”, estado que tanto se orgulha do seu passado, pode parecer cabotino, presunção de querer marcar uma época, mas aponta as

possibilidades do estágio do pensamento acadêmico nesse estado, tão sequioso de emulação.

Neste ano de 2004 um volume com artigos sobre dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado de professores das duas Universidades que possuem Cursos de História (UFMA e UEMA), alunos egressos dessas duas IES, professores convidados de outras instituições de Ensino Superior que escreveram sobre história do Maranhão, será lançado durante a realização do Encontro Estadual de História, na UEMA, organizado pela ANPUH-Regional. Ademais, a importância de publicações como essa está no fato de denotar uma necessidade: a da transposição daquilo que se debate dentro dos muros da universidade para um outro público; o não-acadêmico, que têm sido alijado das discussões e dos debates pela dificuldade de linguagem e também pela exigüidade de publicações deste porte.

No entanto, a ausência de um mercado editorial no Maranhão para trabalhos acadêmicos dificulta a divulgação daquilo que, já alguns anos, têm se avolumado nas prateleiras e bibliotecas das Universidades existentes nesse estado: teses, dissertações, trabalhos, artigos em geral. Trabalhos que poderiam ajudar desenho de políticas públicas, no desenvolvimento tecnológico do estado, na melhoria da qualidade de ensino, na compreensão da cidadania, na pesquisa socioantropológica do homem maranhense, nos novos olhares sobre a cultura, no estudo do passado para compreensão das permanências do presente, entre outras. A revista eletrônica do Departamento de História da UEMA aparece como mais um espaço de debate, publicação intra e interdisciplinar das várias áreas que compõem as chamadas Ciências Humanas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **A Ideologia da decadência: leitura Antropológica a uma história da Agricultura no Maranhão**. São Luís: FIPES, 1983 .

AMARAL FILHO, Jair do. **A Economia Política do Babaçu: um estudo da organização do extrato-indústria do babaçu no Maranhão e suas tendências**. São Luís: SIOGE, 1990.

BANN, Stephen. **As invenções da história: ensaios sobre a representação do Passado**. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.

BARTHES, Roland. **Racine**. Porto Alegre: L& PM Editores, 1987.

BORRALHO, José Henrique de Paula Borralho. **Terra e Céu de Nostalgia: Tradição e identidade em São Luís do Maranhão**. Assis-SP. Programa de Pós-Graduação em História da UNESP. Dissertação de Mestrado. 2000.

BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas abordagens**. São Paulo; Editora da Universidade Paulista, 1992.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo; Cia. das Letras, 1990

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Narrativa, Sentido, História**. Campinas, SP: Papirus, 1997. (coleção texto do tempo).

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CERTEAU, Michel de. **A operação conceitual**. in: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História Novos Problemas**.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1982.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: Mito Fundador e sociedade autoritária**. 4ª edição. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo. 2001.

CORREA, Frederico José. **Um livro de crítica**. São Luís: Tip. do Frias, 1878.

CORRÊA, Rossini. **Formação Social do Maranhão: o presente de uma arqueologia**. São Luís: SIOGE, 1993.

_____. **O Modernismo no Maranhão**. Brasília: Corrêa e Corrêa Editores, 1989.

DA COSTA, Wagner Cabral. **As “Ruínas Verdes”: tradição e decadência no imaginário social**. Campinas: mimeo, 1999.

FARIA, Regina Helena Martins de. **Trabalho Escravo e trabalho livre na crise da aroexportação escravista no Maranhão.** São Luís: UFMA. Monografia de especialização em História econômica regional, 1998.

FEITOSA, Raimundo Moacir Mendes. **O processo sócio-econômico do Maranhão: História e desenvolvimento.** Belém: UFPA; Dissertação de Mestrado, 1994.

FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica. Quatro ensaios.** Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo, Cultrix. 1973.

GAIOSO, Raimundo José de Sousa. **Compêndio Histórico-Político dos Princípios da Lavoura no Maranhão.** Rio de Janeiro; Livros de mundo inteiro: coleção São Luís, 1970.

GAY, Peter. **O Estilo na história.** São Paulo; Cia. das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova.** São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

GONÇALVES, Maria de Fátima Costa. **A reivenção do Maranhão dinástico: uma análise sociológica do projeto chamado de Maranhão Novo e da trajetória do seu principal autor.** São Luís: UFMA; Dissertação de Mestrado, 1998.

HOBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições**". In: HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUNT, Lynn (org). **A Nova História Cultural;** tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção.** Rio de Janeiro, IMAGO, 1991.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **João Francisco Lisboa: Jornalista e Historiador.** São Paulo: Editora Ática. 1977.

LA CAPRA, Dominique. *Rethinking Intellectual History; Texts, contexts, Language.* In. HUNT, Lynn (org). **A Nova História Cultural;** tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A Fundação Francesa de São Luís e seus mitos.** 2ª Edição Revisada e ampliada. São Luís, Lithograf, 2002.

LE GOFF, Jacques. **A história Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: novas abordagens.** Rio de Janeiro, Francisco Alves. 1995.

LEAL, Antonio Henriques. **Pantheon Maranhense: Ensaio Biográficos dos Maranhenses ilustres já falecidos.** 2ª Edição, Tomo I. Rio de Janeiro, Editorial Alhambra, 1987.

LISBOA, João Francisco. *1812-1863. Jornal de Timom: Partidos e Eleições do Maranhão*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

MARQUES, César Augusto. *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão*. Maranhão: Tipografia do Frias, 1870.; Rio de Janeiro: Fonfon e Seleta, 1970.

MATOS, Marcos Fábio Belo. ... *E o cinema Invadiu a Athenas. A história do cinema ambulante em São Luis*. São Luís, FUNC, 2002.

MEIRELLES, Mário. *Panorama da Literatura Maranhense*. São Luís: Imprensa Oficial, 1955.

_____. *História do Maranhão*. São Luís, DASP: Serviço de Documentação. 1960.

MESQUITA, Francisco de Assis Leal. *Vida e Morte da economia algodoeira do Maranhão: uma análise das relações de produção na cultura do algodão (1850/1890)*. São Luís: UFMA, 1987.

MORAES, Jomar. *Apontamentos de Literatura Maranhense*. São Luís: SIOGE. 1976.

MOURA, João Dunshee de Abranches. *A setembrada; ou revolução Liberal de 1831 em Maranhão*. Rio de Janeiro, Editora JB. 1970..

RIBEIRO, Francisco de Paula. *Memórias dos Sertões maranhenses*. São Paulo, Siciliano, 2002.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo II; tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas-SP: Papyrus, 1997.

SERRA, Astolfo. *Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, 1965.

SILVEIRA, Simão Estácio da. *Relação Sumária das Cousas do Maranhão. Dirigida aos pobres deste Reino de Portugal*. São Paulo, Siciliano, 2001.

TRIBUZZI, José Pinheiro Gomes. *Formação Econômica do Maranhão: uma proposta de desenvolvimento*. São Luís: FIPES, 1981. Tribuzzi. São Luís: Edições UFMA, 1982.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, 1992, 1995, 1998.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso; ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da USP, 1994.

_____. **Meta - História: A Imaginação Histórica do século XIX.** São Paulo: Editora da USP, 1995.